



## A RELIGIÃO DO CONSUMO

### THE RELIGION OF CONSUMPTION

João Henrique Stumpf\*

#### Resumo

A partir das abordagens de Rubem Alves sobre o fenômeno religioso o artigo analisa como o sistema capitalista se utiliza da aspiração humana pelo transcendente, uma vez que direciona o caos humano para o consumo. O artigo faz um breve mapeamento sobre as consequências desse direcionamento, chamando a atenção para seus efeitos colaterais e as vítimas que tal lógica produz. Os seres humanos não conseguem viver em um caos, onde a injustiça e a desigualdade anulam as possibilidades da realização plena. E por isso, aspiram por algo que transcenda a realidade opressora da vida. Para Alves aqui está localizada a origem da experiência religiosa. O capitalismo moderno conseguiu canalizar esse aspecto religioso humano para o consumo, o qual significa sua principal engrenagem. Como consequência as pessoas que não conseguem se adaptar aos padrões de consumo são excluídas e marginalizadas.

**Palavras-chave:** Experiência religiosa. Sistema capitalista. Opressão.

#### Abstract

From Rubem Alves approaches about the religious phenomenon, the article analyzes how the capitalist system uses the human longing for the transcendent, since it direct the human chaos for consumption. The article makes a short mapping of the consequences of this direction, pointing to side effects and about the victims that this logic produces. Human beings cannot live in chaos, where injustice and inequality nullify the chances of fulfillment. Because of that, aspire for something beyond the oppressive reality of live. For Alves, here is located the origin of religious experience. Modern capitalism has managed to channel this human religious aspect to the consumer, which this means that's the principal gear. The result of this is people who cannot adapt to consumption rules is the exclusion and marginalization.

**Key Words:** Religious experience. capitalist system. Oppression.

#### Considerações Iniciais

Walter Benjamin quando definiu o Capitalismo como um fenômeno essencialmente religioso, já alertava que a sua dimensão religiosa ficaria mais clara com o passar do tempo.<sup>1</sup> Este

---

\* Formado em teologia pela Faculdades EST e, atualmente, realizando pesquisa de mestrado com apoio do Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. Contato: [joaohenriques131@gmail.com](mailto:joaohenriques131@gmail.com)

<sup>1</sup> BENJAMIN, Walter; LÖWY, Michael (ORG.). *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 21.

passou e não poucas análises foram feitas e em grande parte delas a profecia de Benjamin se confirmou. O Capitalismo parece ter adquirido ao longo dos anos novas dimensões religiosas daquelas detectadas por ele. Diante disso, a Análise de Rubem Alves sobre o fenômeno religioso se mostra atual, seu enfoque sobre a experiência religiosa favorece a análise sobre o consumismo presente no capitalismo moderno. Nosso objetivo é entender até que ponto o sistema capitalista, em suas várias facetas e dimensões, consegue dar conta de responder ou dialogar com a aspiração humana pelo transcendente. Aquilo que Alves denomina como experiência religiosa primordial. A pesquisa constitui-se em um estudo de cunho teórico bibliográfico.

### **Religião a partir de Rubem Alves**

O foco da análise de Rubem Alves é diferente do assumido pelos filósofos do século XIX. Alves tem em mente a origem de toda forma institucionalizada de religião: as experiências religiosas primordiais. Enquanto Marx, Nietzsche e Feuerbach denunciam uma institucionalização usada para a dominação e opressão de uns sobre outros, Alves explicita o fato que antecede tudo isso. Para ele a religião em sua essência não é algo externo, institucionalizado, mas é uma necessidade humana de transcender a materialidade opressora da vida. Um jeito de por ordem no caos. As formas institucionalizadas de religião são tentativas de prender em conceitos e estruturas o mistério da experiência.<sup>2</sup>

Alves busca a essência da experiência religiosa, na qual a imaginação é vista como um dado fundamental. “Realiza-se então, na liturgia da imaginação, a mais alta pretensão mágica da consciência: a criação de um mundo à imagem e semelhança do homem.”<sup>3</sup> É nesse nível que Alves detecta a origem da religião: “o conflito entre o projeto inconsciente do ego de encontrar um mundo que possa ser amado, e a dura realidade do mundo objetivo, que ignora totalmente as exigências do coração.”<sup>4</sup> Assim, a religião é a criação humana de um mundo onde o ser humano possa se realizar.

Conforme Camus, “o homem é a única criatura que não aceita ser o que ela é.”<sup>5</sup> Freud caracteriza esse conflito como uma neurose. Rubem Alves, no entanto, rejeita tal classificação, para ele é essa a característica essencial do ser humano. É justamente essa característica que gera a criatividade, a imaginação, que leva o ser humano a se transcender, pois não o deixa se conformar com as situações dadas. É aqui que nasce a religião como suspiro da criatura oprimida, como um jeito de tentar por ordem no caos da existência.

<sup>2</sup> ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2007, p. 39-40.

<sup>3</sup> ALVES. 2007, p. 52.

<sup>4</sup> ALVES. 2007, p. 52.

<sup>5</sup> CAMUS, Albert. Apud: ALVES, Rubem. *O que é religião?*. 9. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2008, p. 16.

A religião é uma necessidade humana. O problema é quando essa busca humana por ares saudáveis é contaminada pela “fumaça tóxica” da “fábrica capitalista” que mata o ser humano justamente pela sua essência mais revolucionária. Vem em mente a metáfora de um mergulhador, desses dos desenhos animados, que respira através de um cano que tem sua extremidade fora da água. Assim, teria um mundo de ar a sua disposição. No entanto, aparece o sistema capitalista e coloca um balão na ponta do cano, de modo que o mergulhador só pode respirar o que está dentro do balão. A bexiga é carregada com as mercadorias que o sistema oferece e o mergulhador é induzido a pensar que se o sistema tirar o balão da ponta do cano ele vai morrer afogado, uma vez que se acostumou a respirar o conteúdo colocado artificialmente dentro da bexiga.

### **O capitalismo e a experiência primordial religiosa**

O fato de sermos seres biológicos e simbólicos faz com que necessitemos encontrar razões e sentido para vivermos. Na atualidade a grande maioria das pessoas compartilha os sonhos e esperanças que são oferecidos pelos setores dominantes da sociedade.<sup>6</sup> Jung Mo Sung nos lembra de que historicamente isso foi assim. A massa sempre foi em certa medida influenciada pela classe dominante. No entanto, atualmente tal fenômeno alcançou um nível nunca antes registrado.<sup>7</sup>

Os especialistas em marketing e propaganda perceberam que, na nossa cultura de consumo, o mais importante no ato de consumir não são as características do produto ou a sua capacidade de satisfazer as necessidades ou desejos do consumidor, mas sim o significado pessoal, interpessoal e social do ato de consumir determinadas marcas e mercadorias. Isto é, a função primária de mercadoria deixou de ser a de satisfazer os desejos dos consumidores e passou a ser a de comunicar sentidos. Sonhos e esperanças de uma grande parte da população mundial hoje têm a ver com o consumo de determinados símbolos-mercadorias. Os sentidos e anseios mais profundos da existência humana são expressos através de marcas e mercadorias.<sup>8</sup>

Essa constatação parece explicar a aceitação do sistema capitalista por parte da grande maioria da população mundial, inclusive dos pobres, aqueles que sustentam os privilégios da classe dominante. O Capitalismo com todos seus mecanismos e facetas consegue dialogar com o caos humano, de forma a obter lucro. A miséria humana move a sociedade do consumo. O “suspiro dos oprimidos” é direcionado para dentro dos Shoppings centers, os templos do Capitalismo moderno. O fetiche das mercadorias representa para os indivíduos urbanos a possibilidade de salvação aqui e agora. Representa para os pobres a possibilidade mentirosa de existirem, de acessarem a vida plena. Na sociedade capitalista “ter” significa “ser”, logo não ter significa não existir, o qual representa o

<sup>6</sup> SUNG, Jung Mo. *Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 09.

<sup>7</sup> SUNG, 2002, p. 09.

<sup>8</sup> SUNG. 2002, p. 09.

maior medo humano, o caos total, pois os inexistentes no mundo capitalista são invisibilizados, anulados e excluídos. São jogados “lá onde há choro e ranger de dentes.” (Mt 24.51)

Tal lógica é propagada com seu domínio hegemônico sobre as mídias, as quais são responsáveis por criar no consumidor os desejos, os sonhos, os horizontes utópicos, que são utilizados pelo próprio sistema. O capitalismo moderno não só se utiliza da experiência religiosa definida por Alves, mas consegue manipulá-la. O sistema cria os desejos direcionados aos objetos que oferece para o consumo. Tal característica lembra a religião da época de Jesus que exigia sacrifícios dos judeus e ao mesmo tempo lucrava ao vender os animais para os holocaustos.

Nesse horizonte forjado e fundado sobre o consumo não resta lugar para aqueles que não conseguem se adaptar as exigências do sistema: não há lugar para os pobres, para os socialmente excluídos.<sup>9</sup> O fracasso do sistema é encoberto e suas vantagens e utopias são exaltadas. Na sociedade do consumo, quem não tem simplesmente não existe. Como consequência centenas de milhares de pessoas tornam-se vítimas desse sistema que prioriza o lucro e o consumo, elas são as vítimas sacrificais que precisam morrer para a implantação do mercado.<sup>10</sup> O único caminho que o sistema oferece para os subalternos é a ideologia geralmente falsa da ascensão econômica e social pelo trabalho e consumo. Para ser é preciso ter, e para ter é preciso trabalhar arduamente para seu patrão.<sup>11</sup> Não existe teologia da graça no sistema. A meritocracia é o caminho que o capitalismo oferece para a salvação. E tal ideologia é decorada pelos funcionários e assumida nos discursos dos patrões. A salvação para o pobre é “ser alguém na vida.” Frase que muitos professores das escolas públicas tem como imperativo ao aconselhar seus alunos. O Reino de Deus é visto pelos capitalistas como o lugar onde os indivíduos podem consumir tudo o que eles oferecem.<sup>12</sup> Os valores do reino, que Jesus anuncia, como a solidariedade, a partilha, a justiça, são substituídos pela poder mágico do egoísmo e da acumulação.<sup>13</sup>

Tal constatação explica a presença do hábito de consumo desenfreado também entre os pobres, onde podemos facilmente observar casos de trabalhadores/as que ao ganhar uma quantidade razoável de dinheiro imediatamente gastam em coisas aparentemente supérfluas. Ficamos indignados e muitos dentre os observadores utilizam esses exemplos para justificarem posições de indiferença para com os eles. Não entendemos que o fato de consumirem o que a sociedade do consumo lhe oferta significa a chance de se tornarem um pouco mais gente. Sabemos da natureza paliativa de tal mística e os efeitos perversos e desumanos que ela tem na vida das

---

<sup>9</sup> SUNG, 2002, p. 10.

<sup>10</sup> SUNG, Jung Mo. *Deus numa economia sem coração: pobreza e neoliberalismo*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 96-97.

<sup>11</sup> SUNG, 2002, p. 09.

<sup>12</sup> SUNG, 1992, p. 93-94.

<sup>13</sup> SUNG, 1992, p. 94.

pessoas, fadadas a trabalharem a vida toda sem perspectiva de emancipação. Torna-se evidente que a salvação oferecida pelo sistema é pra poucos. Todos são chamados, mas poucos são escolhidos, bem poucos. O “inferno” dos condenados sustenta o banquete servido no “céu” aos convidados de honra do sistema.

### Considerações Finais

Por fim, podemos afirmar que o sistema capitalista consegue direcionar o caos dos indivíduos contemporâneos para o consumo. A partir do domínio sobre as mídias não só direciona o que Alves chama de experiência religiosa, mas as manipula desde a raiz. O capitalismo pode ser considerado uma religião, conforme já afirmava Walter Benjamin<sup>14</sup>, porque dialoga com a experiência religiosa primordial, trabalhada por Alves, e a partir disso oferece a salvação através do consumo, dentro de si mesmo, assumindo a meritocracia como caminho da salvação e o “trabalho-consumo-existo” como mística do cotidiano. Os pobres estão condenados ao inferno, mas acreditam que a partir da meritocracia podem acessar ao “reino dos céus”, onde poderão saciar seus desejos criados próprio deus privatizado. No entanto, o sistema enquanto religião carrega uma séria deficiência. Por direcionar todo caos humano, a origem de toda forma de religião, segundo a abordagem de Alves, para o consumo, os seres humanos são transformados em consumidores compulsivos que não conseguem preencher seus dramas internos, a não ser de forma paliativa.

Somos convocados pela vida do próprio Cristo que anseia pela ressurreição dos pobres a pensar uma espiritualidade libertadora, que possa sonhar os sonhos que o sistema não vende. Sonhar a solidariedade, o amor, a justiça, a paz autêntica, enfim, a realização plena da vocação dada por Deus a cada um de nós. Uma espiritualidade que ouse pregar o reino de Deus como horizonte utópico para nossa caminhada, que seja teimosa em anunciar um mundo de justiça e paz, livre dos poderes do capital. E parafraseando Júlio Adam, que possamos ter a coragem de não nos conformarmos com nada menos que mudar o mundo.<sup>15</sup>

### Referências

ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

ALVES, Rubem. *O que é religião?*. 9. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2008.

---

<sup>14</sup> BENJAMIN; LÖWY, 2013, p. 21.

<sup>15</sup> Discurso em homenagem aos/as formandos/as da faculdades EST apresentado em 18 de Julho de 2015. (Gravado e apresentado no dia da formatura)

BENJAMIN, Walter; LÖWY, Michael ( ORG.). *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.

REDE VIDA. *A vida que vale a pena ser vivida*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WZIRqNsgC6c> – Acesso em: 25 de Jun de 2015.

SUNG, Jung Mo. *Deus numa economia sem coração: pobreza e neoliberalismo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

SUNG, Jung Mo. *Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos*. Petrópolis: Vozes, 2002.